

Variações sobre arte e ciência*

Octavio Ianni

Uma das características marcantes da história do pensamento moderno tem sido a clara demarcação entre filosofia, ciências naturais, ciências sociais e artes; de tal modo que a religião e outras modalidades de vida cultural e intelectual são postas à parte, como alheias e incompatíveis com a modernidade. A metáfora “desencantamento do mundo” expressa esse processo, esboçado em tempos antigos e medievais, mas que adquire crescente predomínio desde a Renascença, a descoberta do Novo Mundo e a invenção da imprensa, acontecimentos esses que se beneficiam do clima intelectual que acompanha a Reforma Protestante.

* Aula Magna realizada em 3 de março de 2004.

De hecho, en nuestra cultura occidental la filosofía ha estado vinculada desde el principio a la aparición de la ciencia. Esto es lo nuevo que integró a Europa en su unidad y que hoy en día proyecta en irradiación universal la cultura científica propia de Europa desde la peligrosa situación de la civilización mundial [...] Conocemos los grandes logros de las grandes culturas de Oriente Próximo, conocemos las de Latinoamérica y del sur y del este de Asia. Sabemos, por lo tanto, que la cultura no ha tomado necesariamente – ni en todas partes – el camino de la sabiduría y su potencia. Este camino se ha seguido mucho más en Europa. Sólo en Europa se ha dado una diferenciación entre nuestras actividades intelectuales que nos permite distinguir a la filosofía de la ciencia, el arte y la religión [...]. En Europa nuestro destino intelectual adquirió forma gracias al

hecho de que se produjeran las máximas tensiones entre estas múltiples formas de la fuerza creadora. En especial el contenido de la filosofía y de la ciencia tiene una importancia determinante en la situación actual de Europa (Gadamer, 1990, pp. 24-25)¹.

1. Ver também Habermas (2002).

Em escala crescente e de forma cada vez mais intensa e generalizada, as distinções entre as linguagens filosóficas, científicas e artísticas acentuam-se, adquirindo contornos de narrativas radicalmente distintas. As demarcações tornam-se cada vez mais nítidas e, muitas vezes, rígidas. Aos poucos, os “modernos” distinguem-se dos “antigos”, inclusive porque não mesclam teologia nem mitologia com filosofia, ciência e arte. Ao mesmo tempo em que se afirma e reafirma o nascimento da filosofia no âmbito do pensamento grego, esquecem-se as exegeses de tradições do pensamento e mitologias gregas e de outras civilizações, com as quais nascem algumas proposições fundamentais da metafísica e da epistemologia. A partir de Bacon e Galileu, assim como de Maquiavel, Descartes, Spinoza e outros, desenvolvem-se metodologias e epistemologias, codificando procedimentos científicos e filosóficos, e demarcando orientações que serão cada vez mais adotadas e generalizadas. Aos poucos instaura-se o “experimentalismo”, como emblema da maioridade do pensamento científico, o qual tem sido, desde então, imitado por cientistas sociais, entusiasmados com a “indução quantitativa”, a busca da “objetividade”, o ideal da ciência rigorosa, madura ou dura, mas que se esquecem que o mundo sociocultural e político-econômico, ou histórico, articula-se dialeticamente, envolvendo atividades físicas e espirituais, a práxis humana, individual e coletiva.

Essas demarcações têm sido uma vigorosa tendência e muitas vezes uma obsessão de filósofos, de cientistas dedicados à “natureza” e à “sociedade”, bem como de escritores e de outros artistas. São muitas as criações de uns e outros, nas quais se marcam e demarcam as diferenças e as fronteiras, além das especificidades de cada linguagem, sistema de conceitos, conjuntos de metáforas, categorias e alegorias, compreendendo escolas e tradições, influências e filiações, e compondo um vasto painel de narrativas em diferentes estilos.

Daí a crescente e generalizada subdivisão de “áreas”, “setores”, “campos”, “especializações”. Nas ciências sociais, bem como nas ciências naturais e até mesmo na filosofia, multiplicam-se as especialidades e os especialistas, de tal modo que se formam intelectuais sofisticadíssimos e altamente competentes em algum fragmento da realidade ou fímbria do

pensamento. Devido à contínua e generalizada institucionalização, acadêmica e não acadêmica, das atividades intelectuais, multiplicam-se as disciplinas nas ciências sociais e em cada uma destas. A economia política e a sociologia, a história e a geografia, a antropologia e a psicologia subdividem-se em distintas e cada vez mais especializadas disciplinas. Devido à crescente institucionalização das atividades de ensino e pesquisa, à influência do positivismo e às induções do mercado, a filosofia, as ciências naturais, as ciências sociais e as artes têm sido pulverizadas no curso do século XX e começo do XXI.

Em conseqüência, a contínua e generalizada reversão “técnica e ciência”, em lugar do contraponto “ciência e técnica”, que tem provocado uma acentuada primazia da técnica, da busca de tecnologias para a operação, a organização, a mudança e o controle dos processos e das estruturas que constituem os diferentes setores da sociedade, nacional e mundial. Daí o barbarismo “tecnociência”, com o qual se busca subordinar continuamente o ensino e a pesquisa às exigências das organizações públicas e privadas, de modo a aperfeiçoar as instituições, as organizações e as estruturas de dominação e apropriação, com as quais se afirma e reafirma a ordem social prevalecente. Essa tem sido a reversão da “razão crítica”, com a qual se podem descobrir configurações, movimentos e tendências da realidade social, em âmbito nacional e mundial.

É evidente que essa multiplicação de especialidades, áreas, setores, campos e disciplinas cria sérios problemas metodológicos, teóricos e epistemológicos, com os quais se debatem todos aqueles que assumem o desafio de refletir sobre as condições e as possibilidades da “explicação”, da “compreensão” e da “revelação”, questões que se colocam para uns e outros, em termos epistemológicos. Debatem-se com enigmas e antinomias presentes em emblemas tais como tempo e espaço, parte e todo, passado e presente, aparência e essência, singular e universal; além de continuidade e descontinuidade, crise e ruptura, revolução científica e revolução cultural, reflexão e intuição, paixão e esclarecimento, contemporaneidade e não-contemporaneidade, simultaneidade de criações intelectuais e espírito da época.

Esse o clima intelectual que faz com que muitos repensem problemas ontológicos e epistemológicos envolvidos na contínua e generalizada multiplicação de disciplinas e subdisciplinas. São inquietações que se traduzem em debates e escritos sobre “interdisciplinaridade”, “multidisciplinaridade”, “epistemologias integrais”, “epistemologias regionais”, “epistemes”, “rupturas epistemológicas”.

A rigor, a contínua demarcação, diferenciação e especialização nunca deixou de inquietar uns e outros, no curso dos tempos modernos. Mas a força das instituições, da divisão do trabalho intelectual, das equipes de seniores e juniores, dos aparatos tecnológicos e dos vultosos recursos financeiros oriundos de agências governamentais e privadas, alimenta a indiferença ou mesmo a hostilidade com relação aos debates fundamentais, de cunho ontológico e epistemológico. São muitos os que estranham ou menosprezam as inquietações, os debates e as reflexões com os quais o cientista, o filósofo e o artista buscam questionar-se, aprofundar interrogações, refletir sobre fundamentos e possibilidades de conhecimento e esclarecimento, ou explicação, compreensão e revelação.

Esse o clima em que muitos descobrem e redescobrem o contraponto “ciência e arte” como um aspecto fundamental da “crise” mais ou menos permanente, o que inquieta adeptos da “especialização” e da visão abrangente, holística, do grande relato. Sim, o contraponto “ciência e arte” situa-se no âmago desse clima, das inquietações e controvérsias que acompanham os desenvolvimentos e os impasses, as realizações e as reorientações, os equívocos e as façanhas do pensamento, traduzidos em textos, narrativas de diferentes “estilos”.

Quando se tem o desafio de buscar as relações, convergências e divergências entre “ciência e arte”, no que se refere às possibilidades de conhecimento, logo surge, simultaneamente, o desafio de ter de reconhecer que as criações científicas, filosóficas e artísticas podem ser vistas como “narrativas”. Todas elas se traduzem em narrativas, ainda que se diferenciem em termos de figuras de linguagem, conceitos, categorias, metáforas, alegorias e outros elementos. Partir portanto deste pressuposto, de que todas as criações se traduzem em narrativas, é o que torna possível refletir sobre similaridades, confluências e contemporaneidades das formulações filosóficas, científicas e artísticas, sem prejuízo do reconhecimento de quais são ou podem ser as peculiaridades e as especificidades das linguagens, figuras e outros elementos de cada forma de conhecimento, esclarecimento ou deslumbramento. Algo nesse sentido pode ser observado quando se resgatam as criações características da Renascença ou do Iluminismo. São criações filosóficas, científicas e artísticas, notáveis ou mesmo excepcionais pela originalidade e audácia. Mas todas, ou a maioria, tanto na Renascença como no Iluminismo, estão impregnadas de algo que pode ser definido como o clima da ocasião ou o espírito da época, elas narram revoluções culturais da maior importância para a inte-

ligência das configurações e dos movimentos da história e do pensamento.

São muitos, em todo o mundo, os que reconhecem que as ciências e as artes se encontram e se fertilizam contínua e reiteradamente. Esse é um contraponto que vem de longe e que se afirma e reafirma no curso dos tempos modernos. São muitos e notáveis os cientistas que trabalham suas narrativas artisticamente, incorporando soluções literárias e temas suscitados pelas fabulações de escritores e outros artistas. E também estes beneficiam-se das criações e dos enigmas propostos por cientistas. Há temas e inquietações que impregnam as narrativas de uns e outros, em diferentes ocasiões.

São notáveis os casos em que há evidente contemporaneidade de temas e inquietações desafiando uns e outros. Esse é um contraponto que estava presente no pensamento político de Maquiavel e nas tragédias políticas de Shakespeare, que ressurgem nas obras de Hegel, Goethe e Beethoven, assim como na anatomia da sociedade burguesa realizada por Balzac e Marx, e continua na descoberta da alienação individual e coletiva desvendada por Kafka e Weber, em criações e reflexões sobre a racionalização do mundo².

Em distintas épocas e ocasiões, são evidentes as convergências e as fertilizações recíprocas, além da contemporaneidade. Em suas distintas linguagens, compreendendo metáforas e alegorias, conceitos e categorias, essas narrativas contribuem para o desenvolvimento e a recriação das múltiplas gradações e possibilidades de esclarecimento. Tomadas em conjunto, no curso dos tempos modernos, contribuem decisivamente para o “desencantamento do mundo” e simultâneo “reencantamento do mundo”, em busca de utopias ou de alguma alegria.

Se é verdade que os escritos literários, científicos e filosóficos podem ser vistos como narrativas, nas quais se combinam figuras de linguagem e idéias, metáforas e conceitos, categorias e alegorias, é também verdade que há distinções que se preservam, próprias de cada forma de reflexão ou fabulação.

Em se tratando das obras, ou narrativas, de ciências sociais, é possível classificá-las em duas modalidades bastante distintas, compreendendo “estilos” diferentes de esclarecimento. Algumas estão empenhadas em contribuir para a *explicação* do que é ou pode ser a realidade social, presente ou passada, compreendendo o que pode ser observado, classificado e quantificado, descrito ou explicado sempre que possível em termos de variáveis, indicadores, índices e freqüências, de tal modo que a explicação se funda no princípio de causação funcional, estruturação ou arti-

2. Ver *Daedalus*, vol. 115; Chandrasekhar (1990); Bohm (1998); Nisbet (1976); Fellmann (1984); Kaufmann (1991); Miller (2001); Lepenies (1996); Ringer (2000).

culação sistêmica. As englobadas na segunda modalidade de narrativas de ciências sociais estão comprometidas principalmente com a *compreensão* do que pode ser a realidade social, tendo em conta o indivíduo e a sociedade, os indivíduos e as coletividades, a identidade e a alteridade, o cotidiano e o mundo da vida, apreendendo relações e processos não só socioculturais e político-econômicos como também psicossociais, objetivos e subjetivos.

As narrativas literárias e de outras linguagens artísticas, no entanto, contribuem principalmente para o que se pode denominar *revelação*, desvendamento da realidade e do imaginário, o visível e o invisível, o prosaico e o surpreendente, implicando uns e outros, indivíduos e coletividades, povos e nações, em diferentes épocas, surpreendendo o querer e as volições nas quais indivíduos se movem ou são movidos, como atores ou títeres de inquietações que podem ser fugazes ou de forças sociais que podem ser avassaladoras.

A despeito da ampla gama de assuntos compreendidos pelas narrativas que se sucedem e se multiplicam no curso dos tempos, é inegável que alguns temas marcantes podem ser distinguidos, não somente por serem tratados de maneira simultânea por cientistas, escritores ou até filósofos, mas também e sobretudo por serem temas emblemáticos do que tem sido o curso da história e do pensamento modernos.

Vale a pena examinar, ainda que brevemente, alguns desses emblemas, o que pode contribuir para clarificar outros e novos aspectos da oposição “ciência e arte”. Note-se que esse contraponto compreende um diálogo antigo, muitas vezes polifônico, no qual se revelam ressonâncias, contemporaneidades e convergências que se polarizam em temas fundamentais da discussão sobre o que tem sido a modernidade. Simultaneamente revelam-se alguns enigmas epistemológicos que podem contribuir para o esclarecimento de “revoluções” culturais, nas quais as criações artísticas, científicas e filosóficas podem estar expressando o “espírito da época”.

Em uma fórmula breve, é possível tomar as narrativas que compõem a vasta biblioteca da modernidade, a despeito das suas distintas linguagens, como diferentes formas de esclarecimento, envolvendo possibilidades diversas de articulação da autoconsciência de uns e outros, a respeito da realidade e do imaginário, do visível e do invisível, apreendendo o ser e o devir, o fluxo de coisas, gentes e idéias, bem como as volições e as ilusões. Vistas assim, como um todo, como se fosse um amplo e infundável mural em movimento, múltiplo, babélico e polifônico, elas compõem novas moda-

lidades e possibilidades de metanarrativas, nas quais se cartografam diferentes configurações do palco da história e do mundo imaginário, surpreendendo muito do que pode ser real e fantástico.

A história do mundo moderno, em suas diferentes épocas e em seus distintos aspectos, está registrada principalmente em narrativas. Nem sempre elas taquigrafam plenamente os acontecimentos e as formas de pensamento, mas registram muito do que tem sido a realidade e as criações do imaginário. É como se as narrativas estivessem sempre desafiadas a captar o visível e o invisível, o real e o possível, o ser e o devir, a realidade e a interpretação, o significado e a ilusão. No conjunto, vistas como uma vasta biblioteca, Babel ou polifonia, elas parecem adquirir consistência e vigência. Podem ser vistas como ampla, movimentada e viva cartografia das diversidades dos indivíduos e das coletividades, povos e nações, culturas e civilizações, bem como das teorias e das interpretações, articulando significados e enigmas, com os quais se forma e transforma o mundo moderno. Tanto é assim que muitos, em diferentes épocas e em todos os lugares, têm sido levados a crer que o mundo moderno é principalmente, ou exclusivamente, uma ampla, complexa e infundável narrativa.

Toda narrativa bem realizada expressa, sintetiza ou sugere algo do que se pode denominar “visão do mundo”. Independentemente da diversidade das linguagens, cada narrativa bem realizada confere ao leitor algo ou muito, seja de uma visão de conjunto, seja da perspectiva do seu tema, objeto, inquietação ou fabulação. Além e aquém das intenções do autor, a narrativa surpreende o leitor com o que pode ser uma taquigrafia, arquitetura ou configuração da época. É como se ela sugerisse ou descortinasse todo um modo, desde um olhar situado ou desterritorializado, enraizado ou errante. Parece uma estilização ou paroxismo do que se vê e não se vê, do que se conhece e desconhece, de tal modo que o leitor adquire uma visão mais ou menos articulada, verossímil ou ilusória, do que parece ou seria, presente, passado e futuro. Seja ela ensaística ou monográfica, realista ou idealista, naturalista ou impressionista, romântica ou expressionista, lírica, dramática ou épica, a narrativa confere ao leitor uma visão de conjunto ou os fragmentos de uma visão de conjunto, seja o seu tema um indivíduo ou um grupo, situação ou tensão, estado de espírito ou alucinação, processo de ruptura, modo de ser ou devir. Sim, além do que afirma Lucien Goldmann, a propósito da obra literária ou artística, também a grande obra filosófica ou científica pode expressar algo ou muito de uma visão de mundo.

Toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão de mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta (Goldmann, 1967, p. 21).

A gênese e os desenvolvimentos da modernidade, por exemplo, somente se esclarecem quando são examinadas, conjuntamente, criações artísticas, filosóficas e científicas. É comum afirmar-se que a modernidade se inicia com a Renascença, a descoberta do Novo Mundo, a Reforma Protestante e a invenção da imprensa. Essa é a época em que as narrativas, as idéias e as novas formulações científicas, filosóficas e artísticas de Thomas More, Erasmo de Rotterdam, Maquiavel, Cervantes, Shakespeare, Camões, Galileu, Copérnico, Kepler, Giordano Bruno, Leonardo da Vinci, Bosch e outros estão surpreendendo e desafiando pensadores de diferentes orientações, bem como indivíduos e coletividades. Essa é a época em que Camões escreve *Os Lusíadas*, um poema épico que pode ser visto como o *primeiro hino à ocidentalização do mundo, na esteira do mercantilismo*. Sem esquecer que as tragédias históricas de Shakespeare contêm todo um “tratado” de ciência política, contemporâneo de *O príncipe* de Maquiavel, e que contribuem para revelar que a “política” passava a desempenhar, nos tempos modernos, o mesmo papel que o “destino” havia tido na tragédia grega. É também nessa época que ocorre a substituição da teoria “geocêntrica” pela “heliocêntrica”, subvertendo cosmogonias e topologias, princípios e dogmas, que haviam sido formulados em “tempos antigos”. Copérnico, Kepler, Galileu e outros contribuem decisivamente para que se dê o passo fundamental do processo de “desencantamento do mundo”. Da mesma forma que nos escritos de outros pensadores, filósofos e cientistas da época, em Copérnico também combinam-se ciência e arte.

Entre as mais variadas atividades literárias e artísticas, que revigoram as mentes humanas, a de maior dedicação e extremo fervor seria, penso eu, promover os estudos referentes aos mais belos objetos, mais desejáveis de serem conhecidos. Esta é a natureza da disciplina que trata das revoluções divinas do Universo, movimento dos astros, dimensões, distâncias, nascimentos e ocasos, assim como das causas de outros fenômenos no céu, disciplina que, resumindo, explica totalmente esses acontecimentos (Copérnico, 1984, p. 13).

O pensamento e a imaginação guardam sempre alguma contemporaneidade com as configurações e os movimentos da realidade sociocultural,

histórica, mobilizando figuras e figurações da linguagem, signos e símbolos, emblemas e enigmas, conceitos e categorias, metáforas e alegorias. É claro que o pensamento e a imaginação são livres, descolam-se desta ou daquela realidade, reverterem o fluxo da vida, inventam modos de ser e de devir. É o que se pode verificar em cada uma e todas as obras científicas e de ficção mais notáveis. São narrativas nas quais a realidade social, as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais nem sempre aparecem ou estão até mesmo ausentes, podendo constituir, ou não, metáforas. Em todos os casos, no entanto, ressoa algo ou muito do “espírito da época”, do clima cultural, das tensões e das contradições, ou alucinações, que germinam nesse tempo.

Ocorre que a grande obra nunca é apenas a tradução do engenho e arte do seu autor, seja ele escritor, filósofo, cientista, pintor, músico, arquiteto, escultor, cineasta. Em geral, a grande obra é também, ou principalmente, a expressão do clima sociocultural, intelectual, científico, filosófico e artístico da época, conforme se expressa em uma coletividade, grupo social, classe social, etnia, gênero ou povo. Há modulações da narrativa que ressoam determinações remotas ou invisíveis, reais ou imaginárias. Tanto é assim que a narrativa expressa o talento do autor e, simultaneamente, as inquietações de uns e outros do seu tempo, podendo ressoar não só o presente, mas também o passado e até mesmo o futuro. São muitas as obras nas quais se conjugam diferentes inquietações e ilusões, realizações e frustrações, alimentando a criatividade individual e coletiva, fazendo com que a obra bem realizada expresse a visão de mundo que se esconde no espírito da época.

Já era claro, para Thomas Hobbes e outros de seu tempo, que a sociedade mercantil, moderna, em formação, passava a ser o novo palco da história. O “direito natural” revelava-se uma codificação das condições de organização da sociedade, compreendendo a economia e a política. As faculdades físicas e espirituais dos homens passavam a organizar-se e a expressar-se no âmbito das condições ancoradas na “guerra de todos contra todos”, que já se apresentava como um código fundamental de organização e funcionamento da sociedade, em seus diversos setores, destacando-se a esfera da política. Daí nasce o Estado, no contraponto da “luta pela vida”, da qual falará Charles Darwin no século XIX, desdobrando a idéia da “guerra de todos contra todos”. Sem se dar conta, ou talvez com pleno conhecimento, Hobbes já elaborava uma das primeiras versões da “política” como fundamento da tragédia moderna, secularizada.

Na natureza do homem encontramos três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; terceiro, a glória. A primeira leva os homens a atacar os outros tendo em vista o lucro; a segunda, à segurança; e a terceira, à reputação [...]. Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. [...] As paixões que fazem os homens tender para a paz são o medo, o desejo daquelas coisas que são necessárias para uma vida confortável, e a esperança de consegui-las através do trabalho (Hobbes, 1974, pp. 79 e 81).

A importância crescente da propriedade privada, como um dos fundamentos da sociedade civil, de classes, burguesa, adquire relevância em uma breve reflexão de Rousseau, inscrita no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. É como se Rousseau estivesse demarcando o que muitos já estavam vivendo, mas nem sempre percebendo em todas as suas implicações. Chegava ao fim a época do feudalismo, da comunidade feudal, da “cumplicidade” servo e senhor, no âmbito da reprodução simples, do intercâmbio de valores de uso. Outra vez, surge aí um gérmen que se traduz na tragédia moderna: a propriedade privada como fundamento da sociedade, da economia e da política, das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais, tudo isso polarizado na “política”, na luta pelo poder, como técnica de dominação e apropriação.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!” (Rousseau, 1958, vol. 1, p. 189).

São muitos os estudos, os ensaios, as monografias, as reflexões esparsas e as controvérsias nos quais estão presentes a explicação, a compreensão ou a revelação, desvendando algo ou muito do que pode ser a realidade e o imaginário. São narrativas nas quais podem estar presentes, com frequência, a rigorosa reflexão científica e a engenhosa imaginação artística que contribuem para o esclarecimento.

A inflexão dramática ou épica freqüentemente ressoa em escritos de filósofos e cientistas sociais, à medida que descortinam dilemas e perspectivas, impasses e inquietações que conformam a modernidade, por dentro e por fora do “desencantamento do mundo”. Descobrem leis de tendência atravessadas por crises, desenvolvimentos desiguais, não-contemporaneidades, tensões e contradições. A despeito das teorias e das ideologias que nascem com a modernidade, como “progresso”, “evolução”, “divisão do trabalho social”, “mão invisível”, “racionalização”, verificam que a modernidade engendra desigualdades, decadências, antagonismos, guerras, revoluções. A dialética entre presente e passado, passado e presente, revela-se permanente e reiterada, em diferentes setores da sociedade, seja esta nacional ou mundial.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstância de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada (Marx, 1974, p. 335).

Há reflexões nas quais se combinam o discernimento com a vibração literária, o impacto da idéia com a entonação da frase, o que leva o leitor a surpreender-se, assustar-se ou maravilhar-se. Nesses casos, a narrativa torna-se emblemática, marcante, constituindo-se referência indispensável de algum momento excepcional de esclarecimento. Tudo o que parecia estabelecido, codificado, explicado, logo se revela problemático, diferente, desmistificado. Instituem-se outras perspectivas de percepção, análise, interpretação ou fabulação. O que parecia estabelecido e clarificado logo se revela insatisfatório, enganoso, mistificado. Aos poucos, ou de repente, descortinam-se outra realidade e outro imaginário, modos de ser e de devir, condições e possibilidades. É como se o autor, em um passe de mágica, revelasse o inextricável, deslumbrando o leitor e deslumbrando-se.

As línguas formam-se naturalmente segundo as necessidades dos homens; elas transformam-se e alteram-se segundo as transformações dessas mesmas necessida-

des. Nos tempos antigos, em que a persuasão servia de força pública, a eloquência era necessária. De que serviria ela hoje, quando a força pública substitui a persuasão? Não se precisa de artifício nem de figuras de estilo para dizer: *esta é a minha vontade*. Que discursos restam a fazer, portanto, ao povo reunido? Sermões. E que importa aos que os fazem se estão persuadindo o povo, visto que não é ele que distribui os benefícios? As línguas populares tornaram-se para nós tão perfeitamente inúteis quanto a eloquência. As sociedades adquiriram sua última forma: nelas só se transforma algo com artilharia ou escudos; e como nada mais se tem a dizer ao povo, a não ser *dai dinheiro*, dizemo-lo com cartazes nas esquinas ou com soldados dentro das casas (Rousseau, 2003, p. 177).

Há textos científicos nos quais o autor utiliza recursos narrativos com os quais claramente ficcionaliza e dramatiza o argumento, a idéia, a revelação.

O capitalista compra a força de trabalho pelo valor diário. Seu valor-de-uso lhe pertence durante a jornada de trabalho [...]. O capitalista apenas personifica o capital. Sua alma é a alma do capital [...]. O capital é trabalho morto que, como um vampiro, se reanima sugando o trabalho vivo, e quanto mais o suga mais forte se torna. O tempo em que o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou [...]. Mas subitamente levanta-se a voz do trabalhador que estava emudecida no turbilhão do processo produtivo: a mercadoria que te vendo se distingue da multidão das outras, porque seu consumo cria valor e valor maior de custo. Este foi o motivo por que compraste. O que de teu lado aparece como aumento de valor do capital é do meu lado dispêndio excedente de força de trabalho [...]. Pondo de lado o desgaste natural da idade etc., preciso ter amanhã, para trabalhar, a força, a saúde e as disposições normais que possuo hoje. Estais continuamente a pregar-me o evangelho da parcimônia e da abstinência. Quero gerir meu único patrimônio, a força de trabalho, como um administrador racional, parcimonioso, abstando-me de qualquer dispêndio desarrazoado [...]. Quando prolongas desmesuradamente o dia de trabalho, podes num dia gastar, de minha força de trabalho, uma quantidade maior do que a que posso recuperar em três dias. O que ganhas em trabalho, perco em substância (Marx, 1968, livro I, cap.VIII).

São notáveis os textos científicos nos quais está presente a elaboração literária, compreendendo figuras de linguagem, entonação, ritmo, revelações inesperadas, promessas de novos descobrimentos, compreendendo inclusive a dramatização do que se diz e do modo de dizer, de tal forma

que o leitor pode inclusive maravilhar-se com o que lê. Algo que é freqüente e indispensável na obra literária, seja romance, drama ou poesia, pode estar presente na obra científica ou filosófica. Além do mais, também na obra literária de categoria muitas vezes encontram-se revelações da maior importância para a ciência e a filosofia. Nesse sentido é que algumas obras se tornam marcantes, excepcionais ou clássicas, revelando-se como se fossem sismógrafos nos quais ressoam configurações e movimentos da realidade e do imaginário, apreendendo premonitoriamente o que a maioria, ou todos, ainda não percebem.

Esse o clima em que se revela que a “intuição”, a “paixão” e a “imaginação” estão presentes em narrativas artísticas, científicas e filosóficas. É claro que em cada um desses “estilos” da narração entram também outras faculdades, específicas de cada uma dessas áreas. Há recursos narrativos do romance que podem ser muito diversos daqueles mobilizados em outros “estilos”. Mas toda narrativa notável, que se torna marcante, revela algo ou muito de “inspiração”, “paixão” e “imaginação”. Tanto é assim que são freqüentes as narrativas nas quais o autor se revela presente, visível ou subjacente, projetando-se ou sugerindo-se, a despeito de sua intenção. Pode entusiasmar-se, mostrar-se indiferente ou mesmo brigar com o tema, a situação, os personagens presentes ou supostos, sem esquecer os que tomam partido na trama das relações, no jogo das situações, reais ou imaginárias, presentes, pretéritas ou futuras.

Nas palavras de Max Weber:

Com efeito, para o homem, enquanto homem, nada tem valor a menos que ele *possa fazê-lo com paixão* [...]. Por mais intensa que seja essa paixão, por mais sincera e mais profunda, ela não bastará, absolutamente, para assegurar que se alcance êxito. Em verdade, essa paixão não passa de requisito da “inspiração”, que é o único fator decisivo [...]. Essa inspiração não pode ser forçada. Ela nada tem em comum com o cálculo frio [...]. No campo das ciências, a intuição do dilettante pode ter significado tão grande quanto a do especialista e, por vezes, maior. Devemos, aliás, muitas das hipóteses mais frutíferas e dos conhecimentos de maior alcance a dilettantes. Estes não se distinguem dos especialistas [...] senão por ausência de segurança no método de trabalho e, amiúde, em consequência da incapacidade de verificar, apreciar e explorar o significado da própria intuição. Se a inspiração não substitui o trabalho, este, por seu lado, não pode substituir, nem forçar, o surgimento da intuição, o que a paixão também não pode fazer. Mas o trabalho e a paixão fazem com que surja a intuição, especialmente quando ambos

atuam ao mesmo tempo. Apesar disso, a intuição não se manifesta quando nós o queremos, mas quando ela o quer (1993, pp. 25-26).

E nas de Arthur I. Miller:

Creativity in art can be explored like creativity in science because artists and scientists use many of the same strategies toward discovering new representations of nature. Just like scientists, artists solve problems [...]. Creativity occurs in a cycle of conscious thought, unconscious thought, illumination (hopefully!) and verification [...]. Einstein, too, believed in “free play with concepts” in the unconscious [...]. While consciousness plays the important role of setting boundaries on our everyday actions, in the unconscious we can activate complexes of information in long-term memory without boundary (2001, pp. 245-246).

Esse é um enigma que se cria e se desenvolve desde o início dos tempos modernos: a despeito da crescente distinção entre “filosofia”, “ciência natural”, “ciência social” e “arte”, no âmbito da “modernidade” ou do vasto processo de “desencantamento do mundo”, são freqüentes as interlocuções abertas ou veladas entre essas esferas da cultura, do pensamento e do esclarecimento. A despeito da divisão do trabalho intelectual, induzida pelo positivismo, da institucionalização e da crescente especialização do ensino e da pesquisa e das diferenças de linguagens entre essas formas ou “estilos” de pensamento, multiplicam-se os diálogos entre filosofia, ciências e artes; em geral enriquecendo a cultura, o pensamento e o esclarecimento. São diálogos que já estavam presentes nos escritos de Galileu, Giordano Bruno, Bacon e Vico, bem como em Shakespeare, Cervantes, Camões e Rabelais, continuando nos séculos seguintes com Goethe, Diderot, Nietzsche, Freud e Sartre, além de Kafka, Musil, Beckett e Borges.

Note-se que as noções de “tempo e espaço”, além de outras como “presente e passado”, “ser e devir”, “parte e todo”, “aparência e essência”, “singular e universal”, podem encontrar-se, evidentes ou implícitas, em diferentes criações científicas, filosóficas e artísticas. Em certos casos, fica bem claro o modo de desvendar o que pode ser a “situação”, o “indivíduo”, a “vivência”, a “subjetividade”, as modulações da “consciência”, bem como a “continuidade e descontinuidade”, a “crise e ruptura”, o “dramático e épico”. Dependendo da forma da narração, um texto científico pode ser concebido em uma entonação dramática ou épica, e também lírica. Em alguns casos revela-se o *pathos* trágico que parecia atributo

da obra de arte, mas que se revela também na criação científica e filosófica, dependendo da arquitetura, do ritmo e da tensão com que está sendo narrada.

São várias as questões que se apresentam quando se exercita uma reflexão abrangente sobre criações intelectuais que caracterizam a história e o pensamento no curso dos tempos modernos. Ainda que em termos exploratórios, suscetíveis de novos dados, debates e análises, é possível afirmar que a comparação entre diferentes narrações relativas a determinados temas ou emblemas permite formular algumas idéias ou hipóteses.

Primeiro, depois da intensa e generalizada demarcação das fronteiras entre a filosofia, as ciências e as artes, compreendendo inclusive uma crescente especialização e fragmentação de cada uma e de todas as disciplinas, muitos são levados a reconhecer que a filosofia, as ciências sociais e as artes participam decisivamente, muitas vezes em colaboração, da formulação e reformulação de alguns dos emblemas marcantes dos tempos modernos. São vários e reconhecidamente notáveis os emblemas com os quais uns e outros, filósofos, cientistas e artistas, bem como indivíduos e coletividades, em todo o mundo, compreendem, explicam ou desvendam a realidade e o imaginário, os povos, reinos e nações, as culturas e civilizações, as identidades e alteridades, as diversidades e desigualdades, a multiplicidade de etnias e a racialização do mundo, os fundamentalismos religiosos e a pluralidade dos mundos.

Segundo, o cientista social, o filósofo e o escritor, bem como outros artistas, estão também, em geral, taquigrafando algo da vida, a realidade, o modo de ser, as situações, as convulsões sociais, as objetividades, as subjetividades, as inquietações, as ilusões ou os imaginários, sempre de modo a esclarecer, compreender, explicar ou revelar o labirinto, a babel ou o caos indecifrável, indizível. Quando tem êxito, o autor confere à narrativa clareza e graça, algo que parece inteligível, convincente, verossímil. A maioria, se não todos, aos poucos é capturada pelo o que é narrado. No curso da própria narração, eles se revelam fascinados pelas pessoas ou personagens, figuras ou figurações, indivíduos ou coletividades, em suas façanhas e sofrimentos, realizações e frustrações. É como se o “tema”, o “objeto” ou o “personagem”, literal ou figuradamente, capturasse o narrador, levando-o a tornar-se seu porta-voz. Uma reversão da qual nem sempre o narrador se dá conta, como se estivesse sendo levado pela sua criatura.

Terceiro, o mundo moderno, em alguns dos seus aspectos fundamentais, tanto geo-históricos e culturais como intelectuais, tem sido principal-

mente aquele que se encontra em narrativas, sobretudo as mais notáveis, com as quais se institui o esclarecimento e o esclarecido, a fabulação e o fabulado. Alguns emblemas reconhecidamente fundamentais contribuem para revelar ou demonstrar que a modernidade tem sido muito mais aquela que está nos textos, as narrativas. É como se, diante da realidade do imaginário infinito e inextricável, a narrativa se revelasse um modo de esclarecimento ou uma forma de encantamento com os quais indivíduos e coletividades, bem como intelectuais e artistas, exorcizam enigmas da razão e da fantasia.

Referências Bibliográficas

- BERMAN, Marshall. (1999), *Aventuras no marxismo*. São Paulo, Cia. das Letras.
- BOHM, David. (1998), *On creativity*. Londres, Routledge.
- CHANDRASEKHAR, S. (1990), *Truth and beauty*. Chicago, The University of Chicago Press.
- DAEDALUS, (1974). "Art and science", *American Annals of Arts and Science*, 115 (3), Paris, Unesco.
- COPÉRNICO, Nicolau. (1984), *As revoluções dos orbes celestes*. Trad. de A. Dias Gomes e Gabriel Domingues. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FELLMANN, Ferdinand. (1984), *Fenomenología y expresionismo*. Barcelona, Alfa.
- GADAMER, Hans-Georg. (1990), *La herencia de Europa*. Barcelona, Península.
- GOLDMANN, Lucien. (1967), *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HABERMAS, Jürgen. (2002), *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo, Martins Fontes.
- HOBBS, Thomas. (1974), *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo, Abril Cultural.
- KAUFMANN, Walter. (1991), *Goethe, Kant e Hegel*. New Brunswick, Transaction Publishers.
- LEPENIES, Wolf. (1996), *As três culturas*. São Paulo, Edusp.
- _____. (1974), "O 18 Brumário de Luís Bonaparte". Trad. de Leandro Konder. In: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Gianotti. São Paulo, Abril Cultural.
- MARX, Karl. (1968), *O capital*. Trad. de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3 vols.
- MILLER, Arthur I. (2001), *Einstein, Picasso: space, time, and the beauty that causes havoc*. Nova York, Basic Books.
- NISBET, Robert. (1976), *Sociology as an art form*. Oxford, Oxford University Press.
- RINGER, Fritz K. (2000), *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo, Edusp.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1958), "Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens". In: _____. *Obras*, vol. 1. Trad. de Lourdes Santos Machado e Lourival Gomes Machado. Porto Alegre, Globo.
- _____. (2003), *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. Campinas, Editora da Unicamp.
- SILVA, Ludovico. (1975), *El estilo literario de Marx*. México, Siglo Veintiuno.
- WEBER, Max. (1993), *Ciência e política*. Trad. de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo, Cultrix.

Resumo

O texto propõe aproximações entre ciência e arte por meio de contrastes e semelhanças reconhecíveis nessas modalidades discursivas de conhecimento, como linguagens e narrativas singulares, dotadas de características próprias, mas que frequentemente se valem de procedimentos e recursos alheios. Busca salientar tanto os usos de recursos ficcionais pelos textos científicos, como o contrário, as valências cognitivas e mesmo a reconstrução complexa de experiências sociais pelos textos literários, articulados por uma ambição estética.

Palavras-chave: Ciência e arte; Verdade social e representação artística; Linguagens; Narrativas; Sociologia do pensamento.

Abstract

The text establishes connections between science and art through the contrasts and similarities traceable in those discourses of knowledge, while languages and peculiar narratives endowed with its own traits, but that quite often appeal to alien procedures and resources. It seeks to point out the uses of fiction resources in scientific texts, as the opposite, the cognitives assets and even the complex reconstruction of social experiences found out literary texts, moved by an aesthetic ambition.

Keywords: Science and art; Social truth and artistic representation; Languages; Narratives; Sociology of thought.

Octavio Ianni foi professor-emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.